

DISCURSO E TEXTO: NA PISTA DE UMA METODOLOGIA DE ANÁLISE

Solange MITTMANN
sol.discurso@bol.com.br
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Aberta a possibilidades múltiplas, mas firmemente alicerçada numa teoria específica. É assim que vejo a metodologia da Análise do Discurso. Dependendo do recorte teórico-analítico efetuado pelo analista, diferentes caminhos podem ser percorridos. Por que recorte teórico-analítico, e não apenas analítico? Porque nossa análise parte, em primeiro lugar, de um olhar específico, determinado pelo quadro epistemológico definido por Pêcheux e Fuchs já em 1975, em que se unem o histórico e o lingüístico numa teoria do discurso atravessada pela teoria psicanalítica. Porque a partir deste olhar, não fazemos uma descrição do texto, mas uma teorização sobre o discurso, ou seja, tomamos o texto como unidade lingüística para análise do funcionamento do discurso e de suas condições históricas de produção/leitura. E porque, nesta teorização, não efetuamos uma análise exaustiva, tentando dar conta de todos os aspectos envolvidos, mas trabalhamos profundamente sobre alguns aspectos discursivos inter-relacionando arqueologicamente noções teóricas pertinentes.

Disso, vale destacar que, como pesquisadores, acionamos nossa habilidade de arquivistas, buscando, resgatando, selecionando textos. Nesta seleção, optamos por um campo discursivo e/ou um tema. Das muitas direções que se expõem à nossa frente, nosso olhar vai definindo um caminho. Colocamos, então, a lupa diante do olho curioso, atento e determinado (nos dois sentidos), e começamos o trabalho de investigadores. Percorremos cada texto, relacionamos com a história, pensamos o lingüístico em relação com o ideológico e com o inconsciente. Cientes de que somos afetados por ambos, mergulhamos na ilusão necessária, na denegação, como se ambos estivessem fora de nós, analistas, e presentes apenas no outro, o analisado. Ou seja, estarmos não conscientes é a condição para estarmos cientes. Nosso paradoxo. Tão mais simples seria nosso trabalho se negássemos nossa condição subjetiva. Tão menos desafiador. Quantos sobressaltos deixaríamos de sofrer. Quantas descobertas deixaríamos de fazer...

E assim seguimos a investigação. Cientes e inconscientemente afetados pelo ideológico, percorremos o olhar de analistas sobre o texto em busca de sua historicidade (o externo que é interno), investigando o ponto de encontro entre o ideológico e o lingüístico. Um ponto de encontro que não é transparente, pois, do contrário, efetuaríamos um trabalho de descrição e não de análise. Vamos além da interpretação de leitores, pois buscamos compreender como se constitui a interpretação, já disse Orlandi (1993). E para isso, precisamos teorizar. Assim, não nos encontramos mais diante de uma unidade de análise, mas de um objeto teórico, o discurso.

E, por nosso objeto de análise ser um objeto teórico, é preciso ressaltar que a teorização determina o procedimento metodológico, e ambos levam à constituição do corpus, o que significa dizer que o corpus não está dado, mas é construído pelo gesto do analista de ler, relacionar, recortar e, novamente, relacionar. Diante do universo de discursos passíveis de análise, traçamos um primeiro recorte de um arquivo, definido por

Pêcheux (1997) como "campo de documentos pertinentes e disponíveis sobre uma questão". Deste, delimitamos um campo discursivo de referência a partir de uma seqüência de restrições. Mas, diga-se de passagem, não se trata de um gesto linear, pois as idas e vindas, as recorrências a outros discursos e, mesmo, a outros campos discursivos fazem-se necessárias em virtude dos conflitos, confrontos, sobreposições que ocorrem durante o próprio gesto de leitura e releitura do arquivo.

Leitura e releitura pré-determinada por uma luta científica política que se opõe à tradição "de um policiamento de enunciados, normalização asséptica da leitura e do pensamento, e de um apagamento seletivo da memória histórica" (Pêcheux, 1997). Pois mergulhamos no lingüístico que é atravessado pela história e no histórico que se sustenta sobre uma materialidade lingüística, ou seja, mergulhamos numa teia de discursos (Indursky, 2001).

Quem tem nos auxiliado a visualizar esta teia é Courtine (1981) quando aborda a relação entre enunciado (saberes de uma Formação Discursiva) e formulação (intradiscurso), entre o plano vertical dos processos históricos de formação, reprodução e transformação dos enunciados e o plano horizontal onde se dá o nó da rede. Efetuamos nosso gesto de recortar seqüências discursivas, ou seja, nosso gesto arqueológico de relacionar seqüências lingüísticas a uma memória, num ir e vir entre a Formação Discursiva dominante, que foi por nós etiquetada, com outras Formações Discursivas do Interdiscurso. Investigamos onde se dão os pontos de enlace, de oposição, de atravessamento, onde estão os poros, os buracos, as falhas dessa rede de memória.

E assim, relacionando formulação e enunciado, recorte e arquivo, vamos costurando os retalhos de nosso corpus, num ir e vir da linha, retrazendo caminhos feitos, assim, de retalhos. Retrançando as paráfrases do processo discursivo, ressonâncias de uma mesma posição de sujeito, ressonâncias de uma mesma Formação Discursiva, ressonâncias de outras Formações Discursivas que estão em relação de aliança com esta. Retrançando as dissonâncias entre posições de sujeito numa mesma Formação Discursiva, retrazendo o percurso dessa dissonância pela relação com o Interdiscurso. Redescobrimo e produzindo, constantemente, efeitos de sentido, deslizamentos, metáforas. Quer dizer, de uma regularidade plácida, parafrástica, passamos à polissemia das irregularidades. A regularidade que fica é a da constante descoberta do novo, associado a uma memória.

E é a possibilidade do novo que nos faz perceber que o percurso metodológico não é linear. Não há uma passagem natural da dispersão do arquivo à seleção de textos de nosso corpus empírico e deste à organização das seqüências discursivas que formam nosso corpus discursivo. As passagens somente se dão pelo retorno constante à teoria e, por vezes, pelo deslocamento/surgimento de sentidos, de noções, de percursos...

Não há relação natural entre a formulação lingüística e o enunciado de uma Formação Discursiva. Também aqui é preciso trabalho, análise, teorização. Qual é o limite de uma Formação Discursiva? Este limite será determinado pelo histórico, pelos conflitos com outras Formações Discursivas, pela relação com a Formação Ideológica. Ou seja, pelo conjunto de saberes, pelo que pode, não pode, deve, não deve ser dito. Das relações de aliança, oposição, apagamento, sobreposição entre saberes e enunciados é que surgem as formulações, os ditos e os não ditos. Mas essas relações não são tão óbvias ou transparentes. É a partir da teorização, com base no quadro epistemológico,

que o analista de discurso observa/efetuando (inconsciente para estar ciente) as relações e delimita o grupo de enunciados pertencentes a uma Formação Discursiva. De agulha e linha na mão, o analista faz o caminho de ir e vir entre formulação e enunciado. Nesta caminhada, o analista vai se perguntando: As formulações são produzidas a partir de uma mesma posição de sujeito? De uma mesma Formação Discursiva? De uma mesma Formação Ideológica? Produz-se o mesmo efeito de sentido quando uma formulação é produzida em meio a uma seqüência de outras? Que relações de sentido são aí estabelecidas? Vai sendo tecida uma rede de perguntas que precisam de análise de uma rede intra e interdiscursiva de formulações. Dão-se os nós entre o horizontal e o vertical,

Chegamos, assim, ao corpus discursivo, definido por Courtine como um conjunto de seqüências discursivas estruturadas a partir da relação com as Condições de Produção do discurso, leia-se a partir da relação entre uma Formação Discursiva e o Interdiscurso que a determina. Assim, percebemos como o plano do intradiscurso é indissociável da Formação Discursiva e do Interdiscurso.

Referências Bibliográficas

COURTINE, Jean-Jacques. Quelques problèmes théoriques et méthodologiques en Analyse du Discours: à propos du discours communiste adressé aux chrétiens. *Langages*, Paris, n. 62, p.9-127, juin/1981.

ORLANDI, Eni P. *Discurso e leitura*. 2.ed. São Paulo: Cortez; Campinas: Unicamp, 1993.

PÊCHEUX, Michel. Ler o arquivo hoje. Tradução de Maria das Graças L.M. do Amaral. In: ORLANDI, Eni P.(org.) *Gestos de leitura: da história no discurso*. Campinas: Unicamp, 1994. p.55-66. Tradução de: *Lire l'archive aujourd'hui*.

PÊCHEUX, Michel; FUCHS, Catherine. A propósito da Análise Automática do Discurso: atualização e perspectivas. Tradução de Péricles Cunha. In: GADET, Françoise; HAK, Tony. (orgs.) *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 2.ed. Campinas: Unicamp, 1993. p.163-252. Tradução de: *Mises au point et perspectives à propos de l'analyse automatique du discours*, 1975.